



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS/INGLÊS**

JONAS DA SILVA MEIRELES

MENINO DE ENGENHO: PERSONAGEM, REGIONALISMO E SEXUALIDADE

**GUARABIRA-PB
2019**

JONAS DA SILVA MEIRELES

MENINO DE ENGENHO: PERSONAGEM, REGIONALISMO E SEXUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso Letras/Inglês da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de licenciatura Plena em Letras/Inglês.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr.^a Maria Neni de Freitas

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M499m Meireles, Jonas da Silva.
Menino de engenho [manuscrito] : personagem,
regionalismo e sexualidade / Jonas da Silva Meireles. - 2019.
32 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Maria Neni de Freitas ,
Departamento de Letras - CH."
1. Regionalismo. 2. Sexualidade. 3. Interdisciplinar. 4.
Literatura Paraibana. I. Título
21. ed. CDD B869.3

JONAS DA SILVA MEIRELES

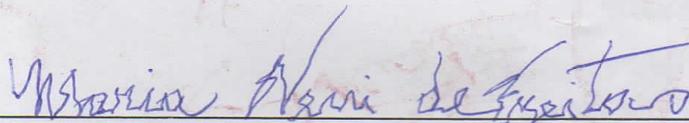
MENINO DE ENGENHO: PERSONAGEM, REGIONALISMO E SEXUALIDADE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Coordenação do Curso
Letras/Inglês da Universidade Estadual da
Paraíba, como pré-requisito para obtenção do
título de licenciatura Plena em Letras/Inglês

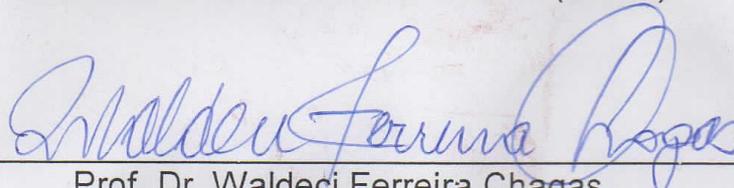
Área de concentração: Literatura.

Aprovada em: 29/11/2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr.^a Maria Neni de Freitas (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Waldecir Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por mais uma oportunidade de concluir um curso superior, desta vez em Letras/ Inglês.

Aos meus pais in memoriam Noé Rodrigues de Meireles e a minha mãe Eusébia da Silva Meireles, deixo registrado aqui a minha eterna gratidão por me ter proporcionado o direito a educação, ao meu irmão Melquiades Meireles, destaco também o seu apoio, e também estendo o meu agradecimento a toda minha família.

Também desejo agradecer, a todos (as) os professores (as) que de forma direta ou indireta contribuíram na minha formação profissional, em especial quero agradecer à professora Maria Neni de Feitas, por ser a minha orientadora, contribuindo de forma grandiosa neste momento decisivo de minha caminhada acadêmica, também quero agradecer ao professor Waldeci Ferreira Chagas, e ao professor Eduardo Henrique Cirilo Valones, professores aos quais tenho grande admiração.

Enfim, jamais poderia deixar de agradecer aos meus amigos Wellington Alves, Luceline Alves, Tamires de Lima, Aline Teixeira e a Jeyse Guedes companheiros (as) de grandes batalhas, onde pudemos compartilhar histórias e momentos, a todos vocês muito obrigado.

Aquele que habita no esconderijo do
Altíssimo, à sombra do Onipotente
descansará.

Salmos 91:1

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JOSÉ LINS DO REGO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA	11
3 <i>MENINO DE ENGENHO</i> : UMA SÍNTESE DO ROMANCE	15
4 UMA LEITURA DO ROMANCE <i>MENINO DE ENGENHO</i>	19
5 <i>MENINO DE ENGENHO</i> : UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

MENINO DE ENGENHO: PERSONAGEM, REGIONALISMO E SEXUALIDADE

Jonas da Silva Meireles¹

RESUMO

Este artigo tem por objetivo, fazer um diálogo interdisciplinar entre a literatura e a história, por meio do romance regionalista *Menino de Engenho*, escrito pelo autor paraibano José Lins do Rego em 1932. É neste contexto que inserimos o personagem Carlos de Melo, em um ambiente que se torna um lugar propício as práticas sexuais e a sexualidade. A temática da antecipação sexual apresentada como objeto de estudo neste artigo acadêmico, é vista como prática cultural presente no romance, tendo a narrativa o lugar de tempo e espaço o engenho Santa Rosa localizado na cidade de Pilar-PB. Onde José Lins do Rego entrelaça ficção com realidade para fazer o registro de suas memórias. Para a realização deste artigo acadêmico usamos o seguinte aporte teórico: FREYRE (2006), DIAS (2015), SOUZA (2017), CASCUDO (1984). Entre outros.

Palavras-chave: Literatura Paraibana. Regionalismo. Sexualidade. Interdisciplinar.

¹ Aluno de Graduação de Letras/Inglês na Universidade Estadual da Paraíba - Campus III.
E-mail: jonasmeireles41@hotmail.com

ENGINEER BOY: CHARACTER, REGIONALISM AND SEXUALITY

ABSTRACT

This article aims to make an interdisciplinary dialogue between literature and history, through the regionalist novel *Engineer Boy* written by Paraibano author José Lins do Rego in 1932. It is in this context that we insert the character Carlos de Melo, in environment that becomes a conducive place for sexual practices and sexuality. The theme of sexual anticipation presented as an object of study in this academic article is seen as a cultural practice present in the novel, having the narrative the place of time and space the Santa Rosa mill located in the city of Pilar-PB. Where José Lins do Rego intertwines fiction with reality to record his memories. For the accomplishment of this academic article we use the following theoretical contribution: FREYRE (2006), DIAS (2015), SOUZA (2017), CASCUDO (1984). Among others.

Keywords: Paraibana Literature. Regionalism. Sexuality. Interdisciplinary.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo acadêmico tem por objetivo fazer uma leitura do romance *Menino de Engenho*, escrito em 1932 por José Lins do Rego, para construirmos um diálogo de modo interdisciplinar entre a literatura e a história. Pois de acordo com a LDB² 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases) e os Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's de língua portuguesa referente à interdisciplinaridade, supõe a existência de um eixo integrador para que seja feita a abordagem interdisciplinar em relação ao objeto de estudo.

Por assim compreender a importância da interdisciplinaridade, observamos na narrativa de José Lins do Rego que as relações humanas também se entrelaçam dentro desse âmbito social, onde eclodem diversos conflitos. Entre eles podemos destacar a questão da sexualidade, um fator importante dentro desse contexto de leitura, pois as práticas sexuais nem sempre aconteciam de forma consensual.

Apesar de haver posicionamentos diferentes no que tange à divisão do conjunto da obra de José Lins do Rego, o importante é saber que o autor mostra o cotidiano de um Brasil ainda rural com suas práticas e seus costumes regionais.

Este artigo acadêmico não tem por análise o estudo da memória e nem o estudo do uso da linguagem regional na obra já mencionada, mas é necessário ressaltar que a narrativa mostra também aspectos do cotidiano, onde o autor José Lins do Rego faz o registro de suas memórias, e dessa forma ele vai descrevendo particularidades que enriquece o diálogo entre as personagens, com palavras do vocabulário regional paraibano.

É por meio desse olhar que surge o diálogo de forma objetiva para expor questionamentos e também reflexões. Neste caso específico lançamos um olhar sobre o romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, para falar da antecipação sexual como uma prática cultural, onde personagens como Carlinhos, moleque Ricardo, os moleques da bagaceira entre outros, aparecem na narrativa bem caracterizados.

² É uma legislação que regulamenta a educação no Brasil, desde o ensino básico até o nível superior, incluindo as instituições públicas e particular, onde estabelece as normas a serem cumpridas de acordo com a legislação. Porque também serve de referência para os PCN's (Parâmetros Curriculares Nacionais)

Por isto, é importante compreender a proposta interdisciplinar já apresentada inicialmente neste artigo acadêmico, em relação ao conjunto da obra do autor regionalista e paraibano José Lins do Rego. E a partir dessa proposta inserir o romance *Menino de Engenho*, como objeto de estudo, e nele observar elementos de aspectos culturais presente em sua narrativa.

Para a realização deste artigo, foram feitas as seguintes ações metodológicas: inicialmente, leituras do romance *Menino de Engenho* (2002) para coleta de dados, depois foi feita uma pesquisa em sites da internet, com consulta a artigos que discutem tal obra, a exemplo de FREYRE (2006), DIAS (2015), SOUZA (2017) entre outros. Porque o aporte teórico dialoga com o livro *Oralidades do Brasil*, do autor Luiz Câmara Cascudo, pois ele também descreve costumes e tradições do cotidiano brasileiro.

Enfim, este artigo acadêmico está dividido em 06 partes: na primeira parte, encontra-se uma breve reflexão sobre o tema proposto como objeto de estudo, onde visualizamos de forma interdisciplinar a importância do romance regionalista *Menino de Engenho* para falar sobre a antecipação sexual como prática cultural.

A segunda parte, é uma reflexão sobre vida e obra de José Lins do Rego, para compreendermos a divisão do conjunto de sua produção literária, neste caso específico o romance regionalista *Menino de Engenho* como um clássico da literatura brasileira.

A terceira parte, temos uma síntese do romance regionalista *Menino de Engenho* para resumir os fatos que acontecem em ordem cronológica narrado em primeira pessoa pelo personagem narrador Carlos de Melo.

Na quarta parte, encontra-se uma leitura do romance regionalista *Menino de Engenho*, mostrando a sua importância naquele momento de transformação cultural em que o Brasil estava vivendo no século XX.

Na quinta parte, refere-se a um olhar sobre a antecipação sexual presente no romance regionalista *Menino de Engenho*, na qual dialogamos com outros autores para discutir este tema.

E na sexta parte, temos as considerações finais, onde retornamos a reflexão do romance regionalista *Menino de Engenho* escrito em 1932, e a partir da leitura, falamos sobre a temática da antecipação sexual que é descrita como uma prática cultural. E dessa forma Carlos de Melo conta as suas aventuras e nos faz adentrar em sua intimidade.

2 JOSÉ LINS DO REGO E SUA PRODUÇÃO LITERÁRIA

É preciso contextualizar o período histórico, em que José Lins do Rego viveu, porque o romance “[...] expõe problemas sociais, ou seja, o livro *Menino de Engenho* escrito em 1932, se refere às relações sociais vividas naquela época [...]” (SOUZA, 2017, p. 11). Por isto, é importante compreender as relações sociais e a partir dela observar como uma abordagem interdisciplinar pode ser trabalhada.

De acordo com a historiografia³ brasileira podemos compreender que a transformação ocorrida aqui no Brasil aconteceu na transição do século XIX para o século XX, fatores como a abolição da escravatura, a proclamação da república, o crescimento e modernização das cidades, também contribuíram para este processo de transformação. Pois as principais cidades brasileiras serviam de entrada para as máquinas, e também para produtos fabricados pela Europa durante a revolução industrial.

Observamos este processo de transformação, onde o Brasil sai de um período denominado de império e adentra o período republicano, apesar de haver ainda resquícios de um Brasil, colônia de Portugal, este processo de transição projeta o nosso olhar para compreender a entrada dos imigrantes⁴ europeus, porque a entrada dos imigrantes, rompe com o modo de produção administrativa, onde o açúcar produzido nos engenhos ainda eram os principais produtos a serem comercializados.

Então, o autor José Lins do Rego apresenta em sua produção literária [...] o contexto histórico-social da região Nordeste “[...] apresentando em sua narrativa significado sociológico e antológico [...]” (NASCIMENTO, 2013, p. 10). Porque são acontecimentos de fatos que estão presentes em meio às relações que estão sendo construídas de forma natural.

Quando refletimos sobre o romance *Menino de Engenho*, compreendemos que José Lins do Rego, não fala só do auge dos engenhos e da decadência em que os antigos engenhos estavam enfrentando, mas também fala da decadência de pessoas poderosas que naquela época dominava a região por meio de seus poderes políticos e também econômicos.

³ É um conceito para falar do registro da história ou a escrita da história em forma de narrativas.

⁴ Pessoas que deixaram o seu país de origem e fixam moradia em outro país para morar ou trabalhar.

O autor apresenta ao público um romance com características autobiográficas, ele também rompe com o modo de produção literária até então, produzida antes da publicação do romance *Menino de Engenho*, pois esta criação de um mundo em perfeita harmonia pode ser compreendida como um desejo de seu interior, como se fosse uma fuga da realidade que muitas das vezes se apresentava de forma cruel. E esta fuga lhe dá liberdade para poder viver.

O olhar de José Lins do Rego em relação ao menino Carlos de Melo para falar do engenho “[...] como um reino fabuloso explicaria muitas histórias presentes no romance, como exemplo, os casos de lobisomem, papafigo, e outras assombrações [...] de contadores de histórias”. (FREIRE, 2014, p.180) que estão ainda presente em nossa cultura, fazendo com que estes registros continuem presente em nossa memória como marca de um processo sociocultural do qual compõe a nossa identidade de formação brasileira. Pois:

No caso do romance de José Lins do Rego o significado do engenho como um mundo fabuloso relacionava-se com a voz narrativa do romance de 1932, como apontamos anteriormente *Menino de Engenho* foi um texto de fortes traços memorialístico no qual um narrador em primeira pessoa descreveu sua infância no meio agrário. Ao descrever sua meninice, o narrador personagem ora assumiu a ótica da criança, ora incorporou a visão do adulto, criando assim, um jogo de olhares para entender tal livro. (FREIRE, 2014, p, 182)

Pode-se supor que José Lins do Rego, “[...] transportou para a ficção pessoas comuns com sentimentos resguardados por excesso de timidez ou extravagantes com os amores de seus personagens [...] com uma linguagem [...]” (JÚNIOR, 2010, p.15). Bem simples ao fazer a sua narrativa, e dessa forma ele dialoga com o leitor para expor uma sociedade, cujo espaço social elitizado também vivia em grandes conflitos.

É por meio dessa representação do passado que sua narrativa mostra a importância do registro das memórias, pois o engenho fictício Santa Rosa tinha “[...] mais de três léguas, de extrema a extrema. E não contente de seu engenho, José Paulino possuía mais oito. A extensão da terra juntava-se agora [...] a vontade de mais [...]” (FREIRE, 2014, pp. 187-188). Terras para sua propriedade.

O registro da memória de José Lins do Rego, nos mostra a sua identidade social e cultural como parte principal de sua formação. É por isto que as lembranças de Carlos de Melo, centraliza a imagem de seu avô José Paulino, em suas

narrativas, porque dessa forma os personagens se articulam, e também interagem dentro desse cotidiano da vida secular.

Quando paramos para refletir sobre este novo mundo que se abria para o menino Carlos de Melo aos quatro anos de idade, fica até difícil separar o autor José Lins do Rego do próprio engenho Corredor, e como se um tivesse nascido para o outro e juntos possuem a mesma alma, onde as emoções se entrelaçam aos sentimentos por meio da memória afetiva.

Segundo Silva (2014) ao fazer um breve relato da vida do autor ele diz que o José Lins do Rego:

[...] nasceu no dia 3 de junho de 1901, na cidade de Pilar, na Paraíba filho de uma família patriarcal, seus pais foram João do Rego Cavalcanti sobrinho e Amélia Lins Cavalcanti de Albuquerque, com a morte de sua mãe, foi morar com o seu avô materno no Engenho Corredor. Em 1923 conclui o curso de direito, um ano depois casa-se com Filomena Massa Lins do Rego com quem teve três filhas em 1932 publicou o seu primeiro livro, *Menino de Engenho*. O livro recebeu críticas favoráveis e tornou-se grande sucesso, obtendo o Prêmio da Fundação Graça Aranha [...] (p. 12)

A citação acima reafirma este lugar social ao qual o autor está inserido e também demarca a sua produção literária como sendo o seu primeiro livro, *Menino de Engenho*, em 1932, dando continuidade à sua produção com os romances: *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953). Obras de grande expressão que compõe o conjunto de sua obra.

É importante destacar que o romance, tinha o título de [...] “*Memórias de um menino de Engenho*”, mas “[...] às vésperas da publicação o literato riscou as “memórias” e ofereceu ao público [...]” (FREIRE, 2014, p.175). O romance com o título *Menino de Engenho*.

Um fator de grande importância para dialogarmos em relação a produção de suas obras como é feito a divisão do conjunto de sua obra, pois segundo JÚNIOR (2010) a divisão da obra de acordo com a vontade do autor José Lins do Rego ficaria da seguinte forma, dividida em ciclo da cana de açúcar com *Menino de Engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *Fogo Morto* e *Usina*. O ciclo do cangaço, com misticismo e seca: *Pedra Bonita* e *Cangaceiros* “[...] obras independentes: a) com

ligações nos dois ciclos: *Molegue Ricardo, Pureza e Riacho doce*; b) desligadas dos ciclos: *Água mãe e Eurídice*. ” (p.20). Para assim sistematizar as suas obras.

Sendo assim, esta divisão de acordo com Montello (2001) pode ser justificada porque “Desses doze romances”, somente três se passam fora do Nordeste: *Riacho Doce, Água-mãe e Eurídice* “[...] Os três primeiros – *Menino de Engenho, Doidinho e Bangüê* – compõe uma trilogia harmoniosa [...]” (p.18). Referente ao ciclo da cana do açúcar juntamente com *Fogo Morto e Usina*.

Mediante a uma produção literária de grande expressão nacional e também internacional, de acordo com Ivo (2001) a obra *Menino de Engenho*, “[...] é um livro mais moderno do que se pensa, porque é um misto de autobiografia e de romance”. (p.27). Porque é a partir da narrativa presente no cotidiano, que José Lins do Rego também descreve, sons, cheiros, conflitos, por meio das relações humanas, ele descreve:

O engenho estava moendo. Do meu quarto ouvia o barulho da moenda quebrando cana, a gritaria dos cabiteiros, a cantiga dos carros que vinham dos partidos. A fumaça cheirosa do mel entrava-me de janela a dentro. O engenho todo na alegria rural da moagem. E o [...] puxado tomando-me a respiração, deixando-me sem ar e com gosto amargo na boca. Olhava para as réstias que as telhas de vidro espalhavam pelo quarto elas iam fugindo devagarinho [...] (REGO, 2002, p. 108)

Podemos observar na citação, detalhes importantes nas descrições do personagem Carlinhos, pois o autor usa da sinestesia que é uma figura de linguagem, como recurso para que o personagem pudesse transmitir as sensações naquele momento.

O conjunto de sua obra nos mostra o quanto é vasto a produção literária de José Lins do Rego, e como podemos ter olhares diferentes ao fazermos uma leitura das obras já mencionada anteriormente, cada uma com características singulares, onde os personagens vivem com intensidade cada momento, apesar das situações que muitas das vezes geram sofrimentos, quer seja pela paixão ou pelas questões de desigualdades social.

Portanto, podemos perceber por meio de leituras em prol ao José Lins do Rego que ele expressa por meio da sua narrativa sentimentos e experiências pessoais de forma totalmente espontânea, ele apenas segue o roteiro de sua própria vida, relatando cenas de infância e também de sua adolescência fatos de grande importância para compreender o conjunto de sua obra literária.

3 MENINO DE ENGENHO: UMA SÍNTESE DO ROMANCE

Antes de fazer uma síntese do romance *Menino de Engenho*, escrito em 1932, é importante compreender que o espaço onde acontece as ações da narrativa presente no romance, é o engenho fictício Santa Rosa, que faz referência ao mesmo cenário rural onde “[...] se destaca [...] a Zona da Mata Nordestina, [...]” (SOUZA, 2017, p.18). Onde está localizado o Engenho Corredor, na cidade de Pilar-Pb.

O registro das memórias de José Lins do Rego descreve características do engenho de sua época, pois o autor também revela não só a sua admiração ao engenho corredor do seu avô José Lins Cavalcanti de Albuquerque, mas ressalta ainda a importância do engenho como fonte de produção econômica da região nordestina paraibana, e também mostra a importância do engenho dentro da narrativa de suas obras.

A narrativa de *Menino de Engenho*, é feito em ordem cronológica e ainda apresenta o lugar de tempo e espaço, onde é feita a narrativa das histórias por Carlos de Melo, sendo ele o personagem principal, a narrativa começa com o personagem Carlinhos aos quatro anos de idade e termina com o personagem aos doze anos de idade, sendo levado para o colégio interno pelo seu tio Juca. O livro apresenta uma estrutura de 40 capítulos onde o personagem narrador apresenta a sua trajetória da vida, afirmando:

Eu tinha uns quatro anos no dia em que a minha mãe morreu. Dormia no meu quarto, quando pela manhã me acordei com um enorme barulho na casa toda. Eram gritos e gente correndo para todos os cantos. O quarto de dormir de meu pai estava cheio de pessoas que eu não conhecia. Corri para lá e vi minha mãe estendida no chão [...] minha mãe estava toda banhada em sangue [...] O criado, pálido contava que ainda dormia quando ouvira uns tiros no primeiro andar. E, correndo para cima, vira o meu pai com o revólver na mão e minha mãe ensanguentada “O doutor matou a dona Clarisse” Por quê? Ninguém sabia compreender. (REGO, 2002, p. 33)

A citação reforça estes últimos momentos da vida do personagem Carlinhos ao lado de seus pais, como se fosse o mais terrível e o mais dramático também, porque além de ser um fato inesperado, de seu pai ter atentado contra a vida de sua mãe, ferindo-a de morte, e também descreve detalhes das coisas que estava acontecendo.

Em suas lembranças, o personagem descreve a imagem de seu pai dizendo que ele é “[...] um homem alto e bonito, com uns olhos grandes e um bigode preto.

Sempre que estava comigo, era a me beijar, a me contar histórias [...] Às vezes [...] discutia muito com minha mãe [...] eu não sabia compreender o porquê. [...]” (REGO, 2002, p. 35). Das discussões.

Em relação a descrição de sua mãe, ele diz que todos os retratos “[...] não me dão nunca a verdadeira fisionomia [...] Era pequena e tinha os cabelos pretos [...] Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos [...]” (REGO, 2002, p. 36). A sua presença já é o suficiente.

Podemos entender que o atentando contra a vida da senhora Clarisse, a vitimando em morte, é o fator determinante para que o narrador personagem seja levado pelo seu tio Juca para o engenho do seu avô materno, após três dias do fato ocorrido. Pois iria “[...] ficar ali morando com ele. Um mundo novo se abria [...]” (REGO, 2002, p.37). Para ser conquistado, assim diz o Carlinhos.

É neste lugar compreendido como um novo mundo que o personagem narrador começa a fazer o registro de suas memórias, pois o engenho era visto por ele como um lugar cheio de encantos, totalmente diferente do lugar ao qual o personagem vivia, ele afirma que:

A minha mãe sempre me falava do engenho como de um recanto do céu. E uma negra, que ela trouxera para criada, contava tantas histórias de lá, das moagens, dos banhos de rio, das frutas e dos brinquedos, que me acostumei a imaginar o engenho como qualquer coisa de um conto de fadas, de um reino fabuloso. (REGO, 2002, p. 38)

Apesar da descrição do engenho, como um lugar fantástico presente na citação em harmonia, podemos observar que as diferenças são demarcadas com a posição social em que as pessoas estão inseridas, é o José Paulino é representado como sendo o líder dessa aristocracia, e a ele todos deviam obediência, porque era o coronel quem fazia as suas próprias leis, dentro do domínio de suas terras.

O personagem ainda relata que o seu avô sempre o levava para às visitas “[...] de seu engenho. Ia ver de perto os seus moradores [...] O velho José Paulino gostava de [...] entrar pelas suas matas, olhar as suas nascentes, saber das precisões de seu povo, dar os seus gritos de chefe [...]” (REGO, 2002, p. 65). Esta descrição reforça os argumentos de que as narrativas presentes no romance giram em volta da memória do autor, pois esta aproximação de pessoas humildes com o Carlos de Melo no engenho Santa Rosa, desperta no personagem um sentimento de afetividade.

A religiosidade presente na narrativa, também é um expoente de grande importância, porque podemos visualizar as festas que eram feitas em homenagens aos santos católicos, a exemplo disto podemos citar Nossa Senhora, São Pedro, entre outros. Segundo a narrativa não havia capela no engenho Santa Rosa, “[...] como nos outros engenhos, talvez porque ficassem pertinho dali as duas matrizes do Pilar e de São Miguel [...] Era assim a religião do engenho onde me criei”. (REGO, 2002, pp. 68-71). É neste contexto que a narrativa do romance também mostra a senzala como parte integrante da casa-grande, a medida em que os espaços eram compartilhados. E assim, Carlinhos diz:

Restava ainda a senzala dos tempos do cativo. Uns vinte quartos com o mesmo alpendre na frente. As negras do meu avô, mesmo depois da abolição ficaram todas no engenho, não deixaram a rua, como elas chamavam a senzala, E ali foram morrendo de velhas conheci umas quatro, Maria Gorda, Generosa, Galdina, e Romana [...] (REGO, 2002, p. 83)

Quando adentramos neste espaço destinado a senzala, a citação mostra a importância do autor em fazer relatos de pessoas que também foram importantes na sua formação, pois elas também representam o místico onde a religiosidade católica e afro ganham um destaque a ser contemplado, porque o sincretismo⁵ religioso se faz presente de forma ativa entre a casa-grande e a senzala.

O personagem Carlinhos ao descrever cenas do cotidiano, ele também fala sobre a senzala, e nos diz que as ex - escravas faziam locas nas paredes de taipa que serviam de cofre e ali “[...] elas guardavam os seus rosários, os seus ouros falsificados os seus bentos milagrosos [...] nas paredes de barro haviam sempre santos dependurados [...]”. (REGO, 2002, p.84). Como forma de expressão de fé.

Em relação a intimidade sexual das ex - escravas, o personagem Carlinhos relata que “[...] viviam de barriga enorme, perpetuando a espécie, sem previdência e sem medo. Os moleques dormiam nas redes fedorentas; o quarto todo cheirava [...] a mictório. (REGO, 2002, p. 84). Assim descreve.

E no decorrer da narrativa surgem outros personagens e também ganham destaque de grande importância, a exemplo da velha Totonha, o Zé Ursulino, entre outros personagens contadores de histórias do engenho.

Então, a ida do menino Carlinhos, ao engenho Santa Rosa, fez com que ele adentrasse em um universo totalmente diferente do qual ele vivia na zona urbana,

⁵ É a união de cultos religiosos, onde os elementos podem ter outro significado.

porque foi no engenho que o narrador personagem conhece a sua primeira professora a senhora Judite, e por ela se apaixona de forma platônica aos 8 anos de idade. E logo em seguida o personagem conhece a sua prima Maria Clara, e passa a nutrir dentro dele uma grande expectativa de poder viver um amor que talvez fosse durar a vida inteira, e assim ele passa os dias no engenho sempre ao seu lado, e quando a menina retorna à cidade de Recife, Carlinhos relata as suas observações, dizendo que:

[...] Maria Clara nem parecia que me queira bem, toda satisfeita, assentada no carro. Pensava que ela estivesse triste como eu. [...]. Alegre com a viagem, bem contente no meio do almoço das despedidas. (REGO, 2002, p. 124)

Quando observamos a citação, compreendemos que o sentimento sempre vai está presente na vida do personagem em alguns momentos por causa da morte de sua mãe, a causa da morte de sua prima Lili, ou pela ausência de seu pai que devido a sua loucura fica interno em um hospício. É importante destacar que no decorrer da narrativa o nome do pai do personagem Carlinhos não é mencionado.

A personagem Zefa Cajá, caracterizada como sendo uma mulher negra e prostituta é uma personagem de grande importância, porque ela é a primeira mulher com quem Carlinhos tem o seu primeiro ato sexual. Esta experiência faz com que Carlinhos mostre a todos a sua virilidade masculina e também faz com que socialmente seja visualizado a sua transformação de menino em um homem.

É a partir deste momento, com a prática do sexo que o personagem Carlos de Melo adquire a “sífilis”.⁶ E passa a sofrer muito com a doença e para ficar curando ele faz os tratamentos com remédios caseiros, que também é uma prática comum a todos que vivem naquele espaço social por fazer uso de plantas medicinais.

Portanto, José Lins do Rego, usa expressões e linguagens específicas do regionalismo nordestino, características importantes para uma abordagem interdisciplinar, e dessa forma por meio dos personagens ele nos convida a adentrarmos em um universo regional com suas particularidades distintas. Pois o engenho Santa Rosa surge como espaço criativo onde o autor compõe a sua arte sem se preocupar com as críticas, ele a imortaliza, e deixa para as futuras gerações, o seu legado literário, contribuindo como o nosso registro cultural e regional brasileiro.

⁶ É uma doença transmitida por meio do ato sexual, populamente conhecida como gálico.

4 UMA LEITURA DO ROMANCE *MENINO DE ENGENHO*

Atualmente ainda continua as críticas ao romance *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, dividindo a sua produção literária, mas é importante compreender que o “[...] novo sistema cultural posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura [...] o modernismo significa [...] ver novas configurações [...] novas experiências artísticas [...]” (BOSI, 2015, p.411). A serem contempladas mediante a tantas que existem.

Então, esta observação por meio de uma abordagem interdisciplinar em relação a José Lins do Rego, nos faz visualizar fortes características do regionalismo. Por isto, é importante compreender que o regionalismo é um conceito literário para classificar o autor as respectivas obras. Pois :

Os engenhos de açúcar têm seu período de intensa produção, geração de renda e alto valor econômico a partir dos anos 1800. Após cerca de dois séculos de grandes lucros, com o surgimento das usinas, os engenhos vão deixando de “botar”, ou seja, de moer a cana para a fabricação do açúcar, tornando-se engenhos de “fogo morto”, que apenas servem para vender a matéria-prima às usinas. Estas são introduzidas ao setor da economia nordestina brasileira por volta da década de 1930, concomitantemente ao processo de industrialização do país proposto pelo então presidente Getúlio Vargas. É também na primeira metade da década de 30 que José Lins do Rego publica sua primeira obra, *Menino de Engenho*, em 1932. (DUARTE, 2012, p. 25)

A citação, reforça este momento de transição na produção econômica brasileira em vigência do processo de industrialização, mas este momento também reflete na produção literária do autor José Lins do Rego, porque ele se destaca como um autor regionalista não só por causa do conjunto de suas obras, tanto aqui no Brasil quanto em outros países, mas porque ele rompe com o tradicional e “[...] escreve uma espécie de crônica da existência diária [...] a linguagem [...] é bastante coloquial com [...] marcas de oralidade [...]” (JÚNIOR, 2010, p. 23). Características que representam a região nordestina.

É necessário ressaltar que é dentro desse processo de novas configurações sociais que as transformações culturais estavam acontecendo naquele momento, isto talvez tenha sido um fator determinante para que José Lins do Rego, decidisse qual o caminho a ser trilhado em meio a tantas reflexões e questionamentos que a semana de artes moderna já estava promovendo, para que os brasileiros produzissem obras com a nossa própria identidade brasileira.

De acordo com Ivo (2001) em relação ao autor regionalista e paraibano podemos dizer:

O que distingue José Lins do Rego nesse romance não é apenas a ambigüidade da narrativa. Uma narrativa ao mesmo tempo real, imaginária, em que há documentação de [...] universo rural, a vida do engenho, com [...] personagens que vão desde o senhor de engenho até os párias que o cercam, mas também o registro da linguagem, de uma linguagem seminal, a linguagem do Nordeste [...] (p. 27)

Estas transformações começaram a ocorrer aqui no Brasil, no “[...] decênio de 1930 [...] foi um período de renovação artística e literária, iniciado com o movimento modernista, em 1922, sobre a liderança de Mário de Andrade [...]” (BRITO, 2008, pp.19-22). E o autor José Lins do Rego se apropria de uma linguagem literária inovadora para a sua época, e faz narrativas do cotidiano, onde ele vê nas estruturas do engenho um espaço de narrativas.

Quando fazemos a leitura do conjunto das obras de José Lins do Rego observamos que ele dá ênfase não só ao sistema patriarcal, mas também aos aspectos culturais presente em toda as estruturas que compõe o engenho, e dessa forma o autor mostrar ao leitor o nordeste Brasileiro com histórias do engenho e de seus personagens que ali habitavam, com narrativas de ex - escravos (as) e também de senhores aristocráticos.

Ainda no romance, evidencia-se a ascensão e a decadência econômica dos engenhos com o surgimento da industrialização, onde as usinas passam a demarcar o fim de um ciclo econômico e mostra o surgimento do capitalismo. Então, este período demarcado como o fim de um ciclo econômico momento de transição dos antigos engenhos para a nova forma de produção industrial, comercial e econômica, é o que faz o conjunto da obra serem clássicos da literatura brasileira, neste caso específico, o romance *Menino de Engenho*, porque se torna um referencial de leitura independente do tempo ou da época, pois sua narrativa nos mostra as nossas origens e como podemos dialogar com o passado.

É neste contexto de transformação que a semana de artes modernas em 1922 surge com o objetivo de propor mudanças, para que as pessoas pudessem entender que as produções artísticas feitas por brasileiros, deveriam ser pensadas a partir da nossa identidade cultural, para que as artes fossem visualizadas como parte desse processo de mudanças políticas e sociais, pois este movimento fez com que a sociedade brasileira pudesse ressignificar, hábitos, costumes e a cultura que até então parecia imutável.

Ainda, é importante compreender este processo de criação a partir do cotidiano, onde ficção e realidade se misturam, pois o autor José Lins do Rego, mostra a estrutura do engenho em seu romance como uma:

[...] metáfora [...] um reino [...] a uma dimensão [...] histórica. além da dimensão fabulosa, do engenho como um reino encantado e fantástico, predominou naquela metáfora uma carga menos utópica [...] O engenho foi inventado como um reino porque seria grandioso, estava assentado em largas faixas de terras governadas firmemente por um senhor de engenho patriarcal que a todos submetia a sua autoridade [...] (FREIRE, 2014, p.194)

A citação enfatiza que o autor usa a metáfora,⁷ uma figura de linguagem para comparar o engenho a um reino encantado, e assim ele descreve com características a formação e estrutura desse reino encantado, onde ele faz o registro por meio de suas memórias, ele usa a narrativa para falar desse universo rural, onde ele viveu a sua infância e parte de sua adolescência.

É devido as lembranças do autor que a sua memória⁸ gira envolta do engenho Santa Rosa, onde ele narra momentos em que o engenho se encontrava em seu apogeu de produção econômica, mas também em alguns momentos nos deparamos em sua narrativa, com a queda da produção por vários motivos, quer seja devido aos aspectos econômicos da época ou por consequência de fenômenos ambientais que provocavam perdas na produção do engenho.

É neste momento do auge econômico de grande produção no engenho Santa Rosa que o menino “Carlinhos” chega para morar e se depara com um mundo novo, pois o autor “[...] carrega para o seu novo endereço [...] impressões familiares, superstições, crenças e lendas oriundas da literatura oral das vozes dos remanescentes de escravos”. (ASSIS, 2015, p. 28). Apesar das adversidades da vida, podemos ver este momento de transição⁹ de sua vida como um fator positivo, pois ele sempre esteve aberto para adentrar em universos desconhecidos, e dessa forma a sua narrativa contribui com a oralidade.

Quando paramos para refletir sobre estes registros, segundo Assis apud Bergamaschi (2002) também compreendemos que “a escrita armazena informação, que através do registro, atravessa o tempo e o espaço”, o registro escrito deve se

⁷ É uma figura de linguagem usada para fazer uma comparação.

⁸ Palavra para definir as nossas lembranças tanto as atuais quanto as lembranças mais antigas.

⁹ É uma palavra usada para falar de um processo de mudança que ocorre.

perpetuar [...]” (p. 29). Para que as futuras gerações possam ter o conhecimento do legado que foi deixado por nossos antepassados. Porque as histórias:

[...] as mais mirabolantes contadas por exímios narradores homens e mulheres que sabiam urdir uma história [...] No momento em que ocupou o lugar de sujeito [...] romancista o literato paraibano recorreu aos relatos narrativos que ouviu quando [...] criança [...] histórias contadas, proveniente de uma tradição oral, no engenho de José Lins Calvacanti foram ressignificados por José Lins já adulto, e assim aproveitadas para compor seus romances [...] o tradicionalismo regionalista de José Lins foi o elemento que o fez voltar para a infância e servir-se das experiências passadas. [...] o ato de rememorar, no caso do romancista paraibano [...] foi desse modo que José Lins chegou a velha Totonha para aproveitar as suas histórias de trancoso, as quais muito marcaram a sua infância [...] (FREIRE, 2014, p. 181-182)

A citação, reforça a importância da narrativa das histórias e como elas eram feitas, para que as pessoas pudessem estar totalmente atentas aquele momento. deste modo José Lins do Rego ressignificou¹⁰ a forma de fazer narrativas em sua produção literária, porém soube manter a origem de sua fonte, mas reconhecendo a importância de sua narrativa e faz do engenho Santa Rosa, o reino encantado, onde diversos personagens por mais distintos que eles sejam, sempre vão estar presente na narrativa de forma ativa, para ajudar a compor uma história, onde o autor dá voz ao personagem Carlos de Melo.

Então, o engenho Santa Rosa demarca também dentro da narrativa este lugar de representatividade, onde o autor expõe em suas narrativas, o registro do passado, onde o sistema patriarcal também é descrito de forma bem original e mostra ao público, personagens e histórias que ainda continuam alimentando a imaginação de quem adentra em seu mundo particular, e nos faz sentir as sensações que são descritas em seu romance.

Portanto, o autor José Lins do Rego ao romper com o modo de produção literária ao qual era padrão da época, nos mostra que existem várias formas de fazer uma narrativa, e também da vida a personagens de acordo com os interesses, que são almejados, é por esta razão que ele mostra ao leitor a imagem do engenho como espaço de narrativas inserindo personagens com características regionais bem definidas para falar de hábitos e costumes que está presente como prática cultural, que antes não poderia ser visualizado em produções literárias brasileiras.

¹⁰ É uma palavra usada para dar um novo sentido a coisas que já existem, mas com sentidos diferentes.

5 MENINO DE ENGENHO: UM OLHAR SOBRE A SEXUALIDADE

Antes de falar da antecipação sexual como prática cultural, tema que está presente neste artigo acadêmico, é preciso ressaltar a importância da interdisciplinaridade, pois no romance *Menino de Engenho*, escrito por José Lins do Rego, em 1932, não tem a intenção de expor esta temática, mas descreve, hábitos e costumes do cotidiano, onde o personagem principal Carlos de Melo faz a narração em primeira pessoa. E ainda mostra o cotidiano, onde a antecipação sexual faz parte desse universo patriarcal.

É preciso enfatizar neste momento que estamos falando de relações humanas, pois a casa-grande como um símbolo de força e de hierarquia social, reprime dentro das suas estruturas conflitos, onde muitas das vezes não se tinham uma saída ou um uma solução para resolver as questões familiares. Pois:

De modo geral, Menino de engenho representa fatos histórico-sociais relevantes da História do Brasil, sobretudo com relação à [...] iniciação sexual dos meninos moradores da casa-grande, que eram influenciados, de certa forma, por uma cultura patriarcal, hoje geralmente tachada de machista, que os motivava a procurarem as negras e mucamas para seus desejos e intenções sexuais. [...] (MARQUES, 2015, p.10)

Por meio desse registro vamos entender que José Lins do Rego sempre “[...] esteve interligado a identidade, tanto individual quanto social e cultural. [...] constituiu-se de uma necessidade de descobrir-se e descobrir o outro” (ASSIS, 2015, p. 20). Como parte importante de sua formação, pois as lembranças de Carlos de Melo, vivida por ele no engenho do seu avô José Paulino, sempre vai está presente nas narrativas das obras, referente ao ciclo do açúcar.

Neste contexto a leitura do romance regionalista *Menino de Engenho*, de José Lins do Rego mostra que ele também usa da oralidade para produzir as suas obras e assim podemos dialogar com Luiz de Câmara Cascudo teórico escolhido para este artigo, porque ele descreve em seu livro *Literatura Oral no Brasil* aspectos culturais que ainda estão presentes no cotidiano brasileiro.

Quando nos aproximamos desses espaços representados por meio da narrativa, compreendemos a relação do lugar com o tempo e o espaço, elementos de grande importância presente no romance *Menino de Engenho* para que o leitor possa ter esta direção. Porque José Lins do Rego, mostra que a “[...] literatura oral do Brasil não pode ser identificada, fixada em seus limites intransponíveis. [...]”

(CASCUDO, 1984, p.162). Como se não fosse possível ter outros olhares a serem contemplados.

É a partir desses espaços já mencionado que a oralidade também está presente na produção de José Lins do Rego, e assim podemos contextualizar com a temática apresentada em relação a antecipação sexual, onde o personagem Carlos de Melo, também vive as suas aventuras. Pois:

A literatura oral brasileira: [...] reúne todas as manifestações da recreação popular, mantidas pela tradição [...] A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual [...] Indígena, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao falar dos homens que sabiam falar e entoar [...] estudamos sempre a documentação escrita o que fixou do brasil quinhentista, relatórios, ânuas, trimestrais jesuíticas, exposições, cartas [...] (CASCUDO, 1984, p.29).

A citação nos faz entender a nossa formação brasileira, onde os aspectos social, política, econômica e também cultural, se faz presente na obra de Luís de Câmara Cascudo, pois ele expõe em seus relatos elementos que compõe a cultura brasileira.

Compreendemos que as relações descritas no romance regionalista, são construídas a partir do cotidiano, e “[...] narrado em primeira pessoa, o romance *Menino de Engenho* [...] é uma obra que possui um tom que reflete a personalidade de José Lins do Rego [...]”. (NASCIMENTO, FREIRE, COSTA, 2010, p. 5). E o personagem Carlos de Melo também vivencia as suas experiências, entre elas a sexual.

Mediante ao que já foi citado, a temática da antecipação sexual em relação ao personagem Carlos de Melo, acontece devido ao ambiente propício, onde ser antecipado em práticas sexuais é um padrão normal, naquela sociedade aristocrática. Sendo assim em um dos primeiros relatos da narrativa em relação as práticas do sexo, Carlinhos começa a falar de seus desejos, dizendo que “[...] Só pensava nos meus retiros lúbricos com o meu anjo [...] nas masturbações gostosas com a negra Luísa”. (REGO, 2002, p.131). Então, a sua afirmação reforça a questão racial, de que a negra é a responsável por despertar os instintos sexuais nos homens.

Quando dialogamos com os autores já mencionados em relação ao tema proposto, podemos visualizar dentro do romance *Menino de Engenho* que a

sexualidade e as práticas sexuais ganham espaço para que sejam normatizadas dentro das estruturas do engenho, pois em sua narrativa ainda observamos que a “[...] senzala da Santa Rosa não desaparecera com a abolição. Ela continuava pegada à casa-grande, com as suas negras parindo, as boas amas-de-leite e os bons cabras do eito”. (REGO, 2002, p.88). Descrição que representa o cotidiano daquela época.

Este entrelace, feito pelo o autor entre ficção¹¹ e realidade¹² para falar não só das práticas sexuais que corriqueiramente aconteciam de forma espontânea, mas para falar também de um mundo rural ao qual ele está inserido, de acordo com Gilberto Freyre, podemos compreendemos que nesses espaços:

[...] As primeiras vítimas eram os moleques e animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável. Daí fazer-se da negra ou mulata responsável pela a antecipação da vida erótica e pelo desbragamento do rapaz brasileiro, com a mesma lógica poderia responsabilizar-se os animais domésticos, a bananeira a melancia a fruta do mandacaru com seu visgo e a sua adstringência quase de carne. Que todos foram objetos em que se exerceu e ainda se exerce a precocidade sexual do menino brasileiro. (FREYRE, 2006, p. 455)

A citação reafirma, o diálogo entre ambos autores ao falarem das antecipações sexuais, pois tanto os animais domésticos, quanto os moleques da bagaceira, a bananeira, a melancia e o mandacaru além de serem objeto de uso nas práticas sexuais, eles também representavam uma prática cultural, pois era lá no engenho que os filhos dos senhores pegavam os moleques da bagaceira e dessa forma os meninos também se antecipavam nas práticas sexuais.

Ainda, quando observamos os primeiros relatos do personagem Carlinhos, em relação as curiosidades e as práticas sexuais dentro daquele contexto social em que está sendo feito a narrativa, o seu tio Juca aparece em sua memória como uma pessoa importante na sua formação antecipada nas práticas sexuais, pois ele era o único sobrinho com quem tinha uma intimidade maior, em seu relato Carlinhos conta que o quarto de seu tio vivia trancado de chaves, e “[...] Num dia em que ele me deixou sozinho, corri [...] para o objeto de proibição; uma coleção de mulheres nuas, de postais em todas as posições da obscenidade [...]” (REGO, 2002, p.111). E também fotos de homens nus.

¹¹ É uma palavra usada para falar de uma história criada por meio da imaginação.

¹² É uma história real que também pode servir de base para construir uma história fictícia.

Podemos perceber que até este momento da narrativa, o olhar do personagem em relação as descobertas sexuais ainda giravam envolta da curiosidade, de como seria sentir na prática do ato as emoções e sensações, sentimentos que o despertava sexualmente, mas que na prática ainda não tinha em concreto o sabor das experiências.

O personagem do Zé Guedes, dentro do contexto da narrativa também tem a função de instruir os meninos nas práticas do amor e do sexo, ele surge como um personagem que vai contando as suas experiências com as mulheres, e dessa forma ele vai orientado os meninos como com sua própria linguagem de expressão bem simples.

Em seu relato Calinhos afirma:

O que o Zé Guedes nos contava dele com as Zefas, os touros e as vacas nos faziam entrar pelo entendimento, era ali um bom campo de demonstração. No cercado dos engenhos o menino se inicia nesses mistérios do sexo, antecipando-se [...] tínhamos as nossas cabras e as nossas vacas para encontros de lubricidade. A promiscuidade selvagem do curral arrastava a nossa infância às experiências de prazeres que não tínhamos idade de gozar. Era apenas uma buliçosa curiosidade de menino, a mesma curiosidade que nos leva a ver o que andava por dentro dos brinquedos. (REGO, 2002, p. 64)

A citação vem expor como era a vida no engenho, pois os espaços eram compartilhados e a curiosidade de entende as coisas acontecia pela observação, e dessa forma surge o interesse de experimentar de forma espontânea e natural os prazeres que a prática do sexo poderia trazer.

O personagem narrador conta que certo dia, o seu primo Silvino, viu no quarto da “negra Francisca” o Zé Guedes em cima da cama de varas que ringia sem parar, ele ainda conta que Avelina tivera filhos do Zé Ludovina, do João Miguel destilador e do Manuel Pedro purgador. “[...] Herdavam das mães escravas esta fecundidade de boas parideiras. Eu vivia assim, no meio dessa gente [...] sabendo de seus homens, de suas brigas, de suas doenças”. (REGO, 2002, p.86). Dia a dia.

Neste cotidiano, onde as experiências sexuais são apresentadas, Carlinhos relata que eles eram iniciados nas conversas, pois falar sobre o sexo era o tema central e o personagem relata que “[...] por eles comecei a entender o que os homens faziam com as mulheres, por onde nasciam os meninos, [...] Andávamos juntos nas nossas libertinagens [...]” (REGO, 2002, p.85). Com os moleques da bagaceira, amigos de todos os momentos.

Os relatos do personagem contribuem para mostrar estes momentos de descobertas, onde os meninos começam a viver com intensidade os sentimentos sem se preocupar com as consequências de seus atos, e no decorrer da narrativa Carlinhos confessa que aos doze anos de idade tem a sua primeira relação sexual com a Zefa Cajá, uma prostituta que é descrita como sendo uma negra que causava desejos sexuais nos homens de toda aquela região, localizada no nordeste paraibano.

Em seu relato Carlinhos expõe que a Zefa Cajá o “[...] acariciava com uma veracidade animal de amor; dizia que eu tinha gosto de leite na boca, e me queira comer como uma fruta de vez. Andava magro”. (REGO, 2002, p. 142). E assim ele conta como se encontrava fisicamente, nesta fase de sua vida.

É importante ressaltar que quando o personagem expõe a sua primeira experiência sexual, ele também reafirma a sua masculinidade, afinal de contas isto é esperado dos meninos para que eles fossem, viris, fortes e destemido, pois a própria sociedade patriarcal cobrava isto, enquanto as meninas deveriam se manterem virgens e puras até o matrimônio. Então o Carlinhos também produz este comportamento, que deveria está sempre pronto, e de forma ativa nas práticas sexuais, isto fez com que as doenças sexuais fossem vistas como um problema corriqueiro do cotidiano.

Segundo a narrativa, o personagem conta que o seu amigo o “moleque Ricardo” também:

[...] pegara na mesma fonte a sua doença de homem. Estava entreado na rede, sem dar um passo. Eu tinha medo de ficar como ele. E me precavia de tudo, prendendo-me em remédios, em escravidão. O meu companheiro pagara mais caro de que eu o seu imposto de masculinidade. Curava-se com os remédios de casa: as garrafadas de raiz de mato com aguardente de cana. A minha é pior do que a sua, é de cabresto. Parecia um orgulho da ruindade de cada um. O tio Juca não dava tréguas. Levava-me aos banhos para o tratamento rigoroso de seringa. Bebia refresco de pega-pinto em jejum, chá de urinana de amanhã à noite. E os diuréticos me faziam vergonha. Mijou na cama! Era um debique de todo mundo – Isto é lá homem! [...] (REGO, 2002, p.144)

É a partir desse contato sexual que o “menino Carlinhos” acaba adquirindo “doença do mundo” ou seja a sífilis também conhecido como gálico, isto fazia com que as pessoas lhe importunassem por causa do seu estado de saúde, pois devido ao uso da urinaria e de outros diuréticos o personagem afirma “[...] comecei a envaidecer-me com a minha doença. Abria as pernas, exagerando-me no andar. Era

uma glória para mim essa carga de bacilos que o amor deixara em meu corpo imberbe [...]” (REGO, 2002, p. 143). Marcas da libertinagem.

Este é o momento de transição, onde o personagem já começa a viver novas experiências, pois a sua ida ao colégio fecha “[...] definitivamente o ciclo da infância do mundo do engenho [...]” (NETO e MENDES, 2013, p.13). Pois sua experiência contribuiu para a sua formação na fase adulta, e ao mesmo tempo o engenho, projetava-o para viver, outras experiências fora de seu território latifundiário.

Então, como se fosse uma despedida desse “reino fabuloso” descrito no romance como se fosse um lugar mágico, onde o personagem cria o seu próprio mundo, e a partir dele Carlos de Melo faz as suas conquistas, e assim podemos observar que este universo se abre definitivamente para o personagem viver com liberdade.

O próprio personagem Carlinhos ao falar de suas aventuras e sem constrangimento relata que :

Agora o engenho oferecia-me amor por toda a parte: na senzala, na beira do rio, nas casas de palha. Os moleques levavam-me para as visitas por debaixo dos matos, esperando a vez de cada um. Na casa-grande os homens achavam graça de tanta libertinagem [...] Corria os campos como um cachorro no cio, esfregando a minha lubricidade por todos os cantos [...] João Rouco deu-me uma carreira por causa do filho pequeno, que eu quis pegar [...] Em junho iria para o colégio. Estava marcado o dia de minha partida [...] Recorriam ao colégio como uma casa de correção. Abandonavam-se em desleixos para com os filhos, pensando corrigilos no castigos dos internatos. E não se importavam com a infância, com os anos mais perigosos da vida em junho estaria em seu sanatório. Ia entregar aos padres e aos mestres uma alma onde a luxúria [...] (REGO, 2002, pp.145 -146).

Quando observa-se as riquezas de detalhes exposto por Carlinhos, na citação, compreendemos a importância das práticas sexuais dentro daquele contexto social, porque era a forma do menino ser aceito como homem mostrando a sua virilidade para poder conquistar o devido respeito que é imposto pela sociedade patriarcal.

Portanto, o romance *Menino de engenho*, em sua narrativa apresenta a infância de Carlos de Melo “[...] em constante interação com os moleques do engenho, companheiros de travessuras que sabiam muito mais sobre a vida, tinham muito mais experiências e eram mais livres do que [...]” (NASCIMENTO, 2013, p.14). O próprio “Carlinhos” personagem narrador, é usado por José Lins do Rego para falar de suas memórias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção literária de José Lins do Rego, não está voltada para a temática da antecipação sexual ou homoafetivo, embora o autor faça relatos de práticas sexuais entre os meninos. Por isto é importante compreender o romance *Menino de Engenho*, e a partir dessa compreensão fazer intervenções interdisciplinar por meio da leitura, onde a representação do engenho mostra o cotidiano da sociedade brasileira e suas práticas culturais.

É importante ressaltar que dentro desse contexto, o menino Carlinhos é o personagem principal do romance e a narrativa dos acontecimentos é feita em ordem cronológica, onde o autor expõe que o personagem fica órfão aos quatro anos de idade, em decorrência deste fato o “Carlos de Melo” é levado para morar no engenho Santa Rosa, na cidade de Pilar-PB.

A representação da imagem de seu avô materno o senhor, José Paulino, o seu tio Juca e a sua tia Maria, é de grande importância nesse processo de adaptação do mundo urbano ao mundo rural. Pois a metáfora do engenho mostra a importância desse reino fabuloso, onde a sua família também tem esta representatividade.

Então, é neste cenário de aspecto rural que o personagem entra em contato não só com o cotidiano do engenho, mas com toda a estrutura que representa o poder econômico. E dessa forma, a sua tristeza abre espaço para que o personagem possa viver novas experiências, entre elas as práticas sexuais.

Quando falamos em práticas sexuais, é preciso ter a referência de que o autor fala do lugar social ao qual ele sempre está inserido, e a partir deste lugar, ele descreve suas memórias. O personagem Carlos de Melo, relata práticas sexuais que são normatizadas e também compartilhadas, pois a antecipação sexual dentro daquela sociedade também constitui esta transição, onde o menino passa a ser visto como um homem.

Portanto, o autor José Lins do Rego, expõe o seu ponto de vista sobre os aspectos sócio culturais e demonstra por meio da sua narrativa, a importância desse “universo” cheio de pluralidades que se estende por vários segmentos da sociedade brasileira, pois o tema da antecipação sexual presente neste artigo também pode ser compreendido pelo leitor como registro de suas memórias, onde o próprio autor descreve o cotidiano de um Brasil ainda rural e que ainda pode ser percebido por meio de resquícios em lugares, cujo aspectos se aproximam de suas narrativas.

REFERÊNCIAS

ASSIS. Maria José Paulino de. **Registro de Memória: uma questão indenitária**.2015. Disponível, em : <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/7655/2/arquivototal.pdf>. Acesso em 20/09/2019

BRITO. Antônio Cesar nascimento de. **MENINO DE ENGENHO E A DIALÉTICA DE UMA LITERATURA QUE AUTO SE QUESTIONA**. São Paulo. USP. 2008 : Disponível em : <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1121>. Acesso em 18/07/2019
BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 50.ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília, 2006. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.html. Acesso em: 20 / 08/ 2019

CASCUDO, Luís da Câmara, 1984. **Literatura Oral no Brasil**. 3. Ed. Belo Horizonte. Ed. Itatiaia.

DIAS, Maria Nayane. **A caracterização da sexualidade precoce em menino de engenho** 2015. Disponível em : <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7841/1/PDF%20-%20Maria%20Nayanne%20%20Dias.pdf> . Acesso em: 20 / 07/ 2019.

DUARTE. Mariana. **ENXADAS DE AÇÚCAR: UM ESTUDO SOBRE ECONOMIA E FORMAÇÃO SOCIAL NA FICÇÃO DE JOSÉ LINS DO RÊGO**. 2012 Disponível, em <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/775/Dissertacao%20Mariana%20Duarte.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20/08/2019.

FREIRE, Diego José Fernandes **CONTANDO O PASSADO, TECENDO A SAUDADE: a construção simbólica do engenho açucareiro em José Lins do Rego** (1919 - 1943). 2014. Disponível, em

https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/16985/1/DiegoJFF_DISSERT.pdf
f. Acesso em 20/08/2019.

FREIRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal.** 51 Global Editora. São Paulo 2006.

JÚNIOR, Wilson dos Santos Carneiro. **A IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA NA OBRA DE JOSÉ LINS DO REGO** 2010. Disponível, em :
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/7866/1/PDF%20-%20Wilson%20dos%20Santos%20Carneiro%20J%C3%BAnior.pdf>. Acesso em: 10/10/2019

MARQUES, Helton. **Ficção, História e Memória em Menino de engenho**, de José Lins do Rego 2015 disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5703303.pdf>. Acesso em: 22/ 08/ 2019

MONTELLO, Josué. **O romancista José Lins do Rego.** 2001. Acesso em 20/09/2019. Disponível, <http://www.academia.org.br/abl/media/imortalidade15.pdf>. Acesso em: 18/ 10/ 2019

NETO, Alaim Souza e MENDES, Geovana Mendonça Lunardi **A literatura infantil e a infância em Menino de Engenho** 2013. Disponível em:
<seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/download/37009/27592>. Acesso em: 20 / 08/ 2019

NASCIMENTO, Maria Mayara Lins Do; FREIRE, Eridiany Aparecida Gonçalves; COSTA, Antônio Cleonildo Da Silva. **A VOZ FEMININA EM MENINO DE ENGENHO** 2013. Disponível em:
https://www.editorarealize.com.br/revistas/enlacando/trabalhos/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID501_10072017134737.pdf . Acesso em: 23 / 08/ 2019

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho:** romance / José Lins do Rego; nota de Carlos Drummond de Andrade; estudo de Antônio Carlos Villaça – 84^o ed.- Rio de Janeiro: Editora Olympia, 2002.

SILVA, Lidiane Araújo da. **A memória em Menino de Engenho e Fogo Morto, de José Lins do Rego.** João Pessoa, UFPB-CCHL, 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/24370398-A-memoria-em-menino-de-engenho-e-fogo-morto-de-jose-lins-do-rego.html>. Acesso em: 27 / 08/ 2019

SOUZA. Maria de Fátima Martiniano. **A representação do negro (a) e da representação da cultura afro brasileira em *Menino de Engenho*.** 2017. Disponível em : <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/15941/1/PDF%20-%20Maria%20de%20F%C3%A1tima%20Martiniano%20de%20Souza.pdf>. Acesso em 18/10/2019

VILLAÇA, Antônio Carlos, 2002, 84. ed. Rio de Janeiro; José Olympio, 2002.